

Escavações começaram em 2001

As pesquisas mais intensas sobre os mamíferos pleistocênicos, ou seja, os mamíferos que viveram no Sertão e Agreste de Alagoas na Era do Gelo, começaram em 2001, com os paleontólogos da Universidade Federal de Alagoas. As primeiras escavações aconteceram no município de Maravilha, distante 226 quilômetros.

As análises chamadas de isótopos estáveis de nitrogênio, carbono, hidrogênio e oxigênio ajudaram a identificar quais foram as dietas alimentares dos animais que viveram neste período pleistocênico. E não foi um trabalho isolado da Universidade Federal de Alagoas. As pesquisas, na verdade, integram cientistas e pesquisadores dos nove estados do Nordeste e das outras regiões do País como um todo.

Essas pesquisas indicam, por exemplo, que havia na Era do Gelo um bioma diferente da caatinga. A região hoje definida como o semiárido nordestino parecia com o cerrado ou um serradão. Havia vegetação fechada, com árvores nas margens dos rios e grandes mananciais. Os rios eram perenes.

O período pleistocênico inteiro é identificado como a Era do Gelo. Porque havia momentos mais frios, chamados de "glaciações", e os períodos mais quentes, identificados como as "interglaciações". Durante todo o pleistocênico, que começou há dois milhões de anos, ocorreram diversos períodos com essas variações. A última variação



Museu instalado na cidade de Maravilha guarda muitos fósseis encontrados na região desde 2001

terminou exatamente há 11 mil anos, atestam os pesquisadores de Alagoas.

A divisão das placas tectônicas que deu origem aos continentes é bem mais antiga, explicou o professor Jorge Luiz. A última divisão das placas ocorreu no fim do período do cretáceo, há 65 milhões de anos. Depois, as placas continuaram se afastando sem tanta intensidade.

TRÁFICO

O tráfico de fósseis é considerado um problema muito sério no Brasil. A maioria dos estados brasileiros registra prejuízos com o tráfico de fósseis de animais pré-históricos. Em Alagoas, ainda não há registro dessa prática, até porque as pesquisas praticamente estão numa fase embrionária. Porém, essa é uma das preocupações do setor de pesquisa paleontológica da Ufal. Profes-

sores, estudantes, pesquisadores e as comunidades têm mantido fiscalizações em pontos estratégicos para evitar ações predadoras e dos traficantes.

"O risco de perda dos fósseis em território alagoano, principalmente na região semiárida, está na necessidade de o homem nativo de escavar o território para fazer açudes e poder armazenar a água de chuva. É nessa retirada de sedimentos que muitas vezes atinge níveis que tem fósseis, e muita gente considera o material como lixo. Mas esse é um dano menor e faz parte da necessidade básica de sobrevivências das comunidades. Pior é o tráfico nas outras regiões", considera o professor Jorge Luiz.

As escavações se desenvolvem basicamente no semiárido de Alagoas. As pesquisas começaram em

Maravilha, em 2001. Atualmente os pesquisadores trabalham em Canafistula, Delmiro Gouveia, Inhapí, Olho d'Água do Casado, Piranhas, São José da Tapera, Senador Rui Palmeira, entre outras cidades que formam um sítio paleontológico dentro de uma área de 24 municípios classificados como cheios de fósseis de mamíferos da Era do Gelo.

Para manter as comunidades mobilizadas, uma das tarefas dos cientistas da Ufal é informar à população de cada região da importância desse material.

Os primeiros contatos são feitos com os gestores municipais, secretários de Turismo e de Educação. No segundo momento, visitam as escolas, fazem palestras e desenvolvem pesquisas de campo com os estudantes da região. AF

Leia mais na página D4